

2

Esclarecimento terminológico-conceitual

De maneira geral, o leigo desconhece totalmente a complexidade da atividade tradutória. Por isso, além de vários outros equívocos, crê que só existe uma maneira de traduzir: colocar em outra língua exatamente o que estava contido no texto original.

Os estudiosos da tradução, todavia, sabem da complexidade da tradução, das muitas maneiras possíveis de traduzir e da diversidade de fatores que determinam as estratégias¹ tradutórias, tais como as diferenças entre as línguas, os contextos e os objetivos das traduções. Assim, eles empreenderam a tarefa de classificar os diferentes modos de traduzir e distribuí-los em várias tipologias para ajudar os tradutores a melhor realizar seu trabalho. Se por um lado essas tipologias ampliaram o universo de conhecimento acerca das práticas tradutórias – o que foi um benefício –, por outro lado resultaram numa “confusão” causada pela enorme quantidade de tipos de tradução, os quais muitas vezes pouco diferem entre si.

Vinay e Darbelnet (1958), por exemplo, propõem a tradução direta e a oblíqua; Nida (1964), a equivalência formal e a dinâmica; Catford (1965), a tradução plena, a parcial, a total, a restrita, a limitada, a não limitada, a livre, a literal e a palavra-por-palavra; Vázquez-Ayora (1977), a tradução literal e a oblíqua; e Newmark (1981), a equivalência semântica e a comunicativa (ver Barbosa, 2004). Para cada uma dessas tipologias, os autores apresentam um grande número de procedimentos técnicos de tradução possíveis de serem utilizados.

A título de simplificação, terei como base apenas os modos de traduzir mais comuns na literatura disponível. Visto que as fontes desta dissertação são escritas no inglês e no português, que há convergência de sentido dos termos utilizados em ambas, o esclarecimento será no âmbito dessas duas línguas.

Os termos-conceitos mais usados são os seguintes:

¹Neste trabalho utilizo os termos “estratégias” e “procedimentos” como sinônimos, significando um conjunto de recursos que norteiam o trabalho de um tradutor em um caso específico.

- tradução palavra-por-palavra (*word-for-word translation*) ou tradução literal (*literal translation*) → aquela pretensamente fiel à forma e ao conteúdo²;
- tradução sentido-por-sentido (*sense-for-sense translation*) ou tradução livre (*free translation*) ou tradução literal (*literal translation*) → aquela supostamente fiel ao conteúdo e livre na forma;
- imitação (*imitation, imitatio*) ou adaptação (*adaptation*) ou tradução criativa → aquela que seria livre na forma e no conteúdo;

Tanto no português quanto no inglês, os termos “literal” e *literal* apresentam uma ambigüidade, podendo designar dois tipos de tradução. Na *Encyclopedia of translation studies* (Baker, 1998; doravante *Encyclopedia*), *literal translation* é entendida como *word-for-word translation*, ou seja, aquela que se pretende fiel à forma e ao conteúdo:

Literal translation, also called word-for-word translation [...], is ideally the segmentation of the SL [source language] text into individual words and TL [target language] rendering of those word-segments one at a time. (p. 125)

Já no *Dictionary of translation studies* (Schuttleworth e Cowie, 1997; doravante *Dictionary*), há uma divergência na definição de *literal translation*: em alguns casos esta é entendida como *word-for-word translation*, enquanto em outros, como *sense-for-sense translation*, isto é, fiel ao conteúdo, mas livre na forma.

literal translation is sometimes understood as including the related notion of WORD-FOR-WORD TRANSLATION. [...] Catford also offers a definition based on the notion of UNIT OF TRANSLATION: he argues that a literal translation takes word-for-word translation as its starting point, although because of the necessity of conforming to TL [target language] grammar, the final TT [target text] may also display group-group or clause-clause EQUIVALENCE. [...] Nabokov, for example, describes it as “rendering, as closely as the associative and syntactical capacities of another language allow, the exact contextual meaning of the original”. (pp. 95-96)

²Não desconheço as críticas que podem ser feitas, pós-modernamente, a essa dicotomia forma/contéudo, na medida em que se sabe o quanto essas duas instâncias são mutuamente constitutivas. Também se pode ver como criticável o uso do termo “contéudo”, já que não mais se acredita que os significados estejam *contidos* nas palavras. No entanto, com essas ressalvas, mantenho o termo e a dicotomia, considerando o seu uso consagrado e a sua importância operacional nesta dissertação.

Francis Aubert (1987) também define tradução “literal” como fiel ao conteúdo e livre na forma e, portanto, o mesmo que tradução sentido-por-sentido:

pode-se, ainda, entender por tradução literal aquela em que se observa uma fidelidade semântico-contextual estrita, adequando a morfo-sintaxe e o estilo às normas e usos da LC. (p. 16)

Quanto à tradução “livre” (*free translation*), ao contrário do que o termo pode sugerir, ela é aquela supostamente fiel ao sentido do original e livre apenas na forma – para adequar-se à língua de chegada. Nas palavras de Frota (2000: 100), “trata-se de uma estratégia tradutora que, através de uma liberdade apenas formal, propiciaria total fidelidade semântica”.

No *Dictionary* (1997):

[free translation is] a type of translation in which more attention is paid to producing a naturally reading TT [target text] than to preserving the ST [source text] wording intact; also known as SENSE-FOR-SENSE TRANSLATION. (p. 62)

No percurso da história, alguns tradutores brasileiros utilizaram o termo “livre” para designar também um tipo de tradução que em geral, aqui no Brasil, denominamos tradução “criativa” ou “adaptação” ou, mais recentemente “imitação”.

A imitação (*imitation* no inglês e *imitatio* no latim) é aquela livre na forma e no conteúdo:

In ordinary English, *imitation* means slavish copying, mimicking, miming. Through a strange linguistic history, however, the word has come to mean almost the exact opposite in translation theory: doing something totally different from the original author, wandering too far and too freely from the words and sense of the SL text. (*Encyclopedia*, 1998: 111)

Na imitação (*imitation*, *imitatio*), o tradutor assume a liberdade de moldar o texto, tanto formal quanto semanticamente, segundo sua vontade. O conceito de imitação tem atraído a atenção de estudiosos da tradução que questionam se esse tipo de reescrita é realmente tradução. John Dryden (1631-1700), já no século 17 afirmou:

o tradutor (se é que já não perdeu esse nome) assume a liberdade não somente de variar as palavras e o sentido, mas de abandoná-los quando achar oportuno, retirando somente a idéia geral do original, atuando de maneira livre, a seu bel-prazer. (Dryden, *apud* Frota, 2000: 27)

Para esta dissertação, usarei os seguintes termos-conceitos por serem os mais comuns e por não gerarem ambigüidade:

- tradução *palavra-por-palavra* para designar a tradução supostamente fiel à forma e ao conteúdo.
- tradução *sentido-por-sentido* para designar a tradução supostamente fiel ao conteúdo e livre na forma.
- *imitação* (e *adaptação* em raras exceções) para designar a tradução livre na forma e no conteúdo.

Cabe lembrar, entretanto, que por não estarem traduzidas as citações estrangeiras – uma tentativa de permitir que o leitor deste trabalho tenha contato com os termos em inglês –, algumas vezes aparecerão os termos-conceitos *word-for-word translation*, *sense-for-sense translation*, *literal translation*, *free translation* e *imitation*. Por apresentar uma ambigüidade, quando surgir o termo *literal* (“literal”), explicitarei a qual dos dois tipos de tradução o termo se refere: se à tradução palavra-por-palavra, se à tradução sentido-por-sentido.